

*Inquietude e Paixão  
de Sarmiento de Matos  
pelo Conhecimento*

DEOLINDA FOLGADO  
JORGE CUSTÓDIO

*O património industrial é parte integrante de Lisboa, tanto como os testemunhos de qualquer outra época, pelo que merece um tratamento idêntico, reforçado ainda pela facilidade com que por hábito se sacrifica o mais recente em prol de uma política de valorização exclusiva do antigo.*<sup>1</sup>

Lisboa constituiu, sem dúvida, o território eleito por José Sarmento de Matos para desenvolver e aprofundar o seu discurso historiográfico. Tendo renovado metodologias de análise do espaço urbano, ganhou entre os estudiosos o epíteto de olisípógrafo.

O seu olhar inquiridor e a sua paixão pelo conhecimento da cidade de *Olisípo* dirigiram-se, diríamos nós, com naturalidade e preferencialmente, para a urbe aristocrática e senhorial. Compreender a fenomenologia do espaço na sua relação directa com os que o produziram e habitaram, permitiu-lhe uma inquirição aos actores desta vivência, procurando conhecer a génese familiar, dos gostos, do modo de vida, e de como esta espécie de padronização de hábitos se propagou e reflectiu nos programas arquitectónicos construídos e no tecido urbano que, entretanto, se foi consolidando.

Porém, José Sarmento de Matos ficara atento às novidades do conhecimento científico e à emergência dos novos patrimónios

---

1. José Sarmento de Matos, [prefácio do Coordenador geral]; Deolinda Folgado e Jorge Custódio, *Caminho do Oriente. Guia do Património Industrial*. Lisboa: Livros Horizonte, 1999, p. 5..

(em Portugal, a partir, essencialmente, do final dos Anos 70 do século XX), atribuindo-lhes a mesma dignidade já conferida pelo escol dos estudiosos às arquiteturas e à herança cultural, dita mais clássica e de maior conexão com os códigos do conhecimento da História da Arte ou da Arquitectura, que faziam parte da sua formação universitária.

A frase transcrita no início do presente texto, produzida no âmbito das palavras de abertura do livro *Caminho do Oriente. Guia do Património Industrial*, editado em 1999, escritas pelo José Sarmiento de Matos, enquanto coordenador geral do programa *Caminho do Oriente*, é reveladora dessa inquietação sobre a urgência em fomentar uma compreensão holística da cidade de Lisboa. Conhecimento que não se esgotava em si. Conhecimento que tinha também um propósito de utilidade social. Ou seja, mapear, fixar e interpretar este património mais recente surgia como a condição natural para a sua salvaguarda imediata ou para a sua reutilização futura, perpetuando-o num tempo longo da diacronia histórica, a par dos palácios, conventos, fortes ou mesmo castelos.

Destacar esta atenção atribuída aos ‘outros patrimónios’, por parte do José Sarmiento de Matos, poderá parecer a muitos um pouco desajustada.

Se nos detivermos apenas no presente, pode evocar-se a existência de inúmeros bens de natureza técnica e industrial inscritos na Lista do Património da Humanidade e que testemunham o fenómeno da industrialização ocorrida nos vários continentes, independentemente das várias especificidades inerentes a cada contexto geo-económico; de inúmeros museus de natureza industrial localizados, precisamente, em territórios que acolheram este fenómeno; e até de múltiplos casos de reutilização de espaços industriais, na sua maioria adaptados a programas habitacionais e culturais; e que este destaque à importância da salvaguarda dos ‘novos patrimónios’ pode

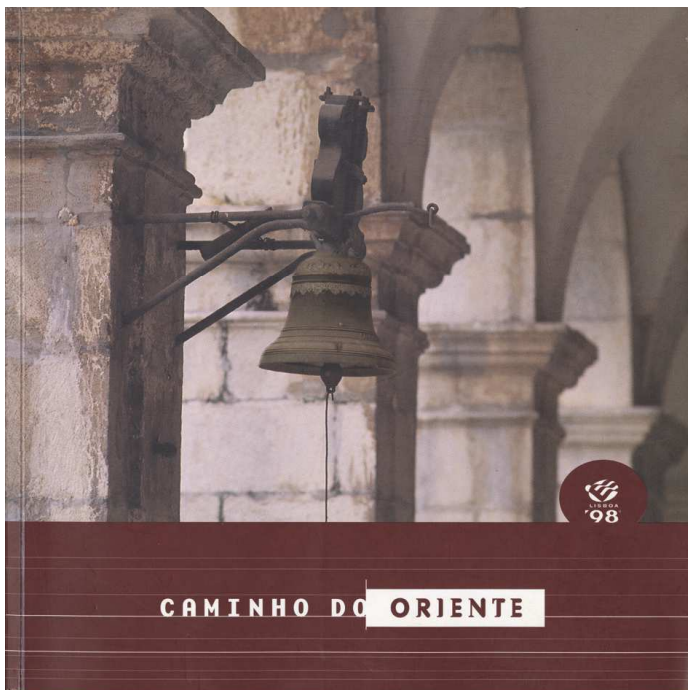
aparentar um certo desfasamento à luz dos tempos pretensamente mais inclusivos, desta segunda década do século XXI. Porém, não só o património técnico e industrial permanece como um parente algo ‘indesejável’ dentro da família consolidada do património cultural e do quadro estabelecido dos valores patrimoniais a preservar, gerando, ainda hoje, a sua salvaguarda uma certa conflitualidade, apesar de estar devidamente enquadrada pela legislação nacional (Lei de Bases do Património Cultural, Setembro de 2001) e pelo amplo reportório de Cartas e Convenções internacionais, ratificadas por Portugal; como esta visão de projectar uma Lisboa ‘inteira’ para o futuro tem mais de duas décadas.

É certo que Sarmento de Matos frequentara a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, enquanto estudante do curso de História nos idos anos 70 de Novecentos, na época em que eclodiu, precisamente, o início do movimento da salvaguarda do património – arqueologia industrial em Portugal, por via do conhecimento da Revolução Industrial, também ocorrida em território nacional, através do estudo dos seus vestígios materiais e imateriais, tal como sucedera na Grã-Bretanha ou na França ou na Bélgica, após a Segunda Guerra Mundial, o que poderia ter marcado a sua formação.

É que no final da década de 1970, a Faculdade de Letras inovara neste campo, com a emergência de um novo domínio científico – a arqueologia industrial e do seu património. Depois, foi a vez da criação da Associação de Arqueologia Industrial da Região de Lisboa, logo em 1980, e da realização de uma série de visitas que tiveram como centro o bairro de Alcântara, na Lisboa ocidental<sup>2</sup>. De seguida, foi a vez do Centro Nacional de Cultura lançar os seus programas de visita aos monumentos técnicos e industriais do país e de Lisboa,

---

2. Teresa Matos, “O espaço social local como documento”. In: *O Estudo da História. Boletim dos sócios* n.º 10-11, [II série], direcção, José Mattoso. Lisboa: Associação dos Professores de História, 1889-1990, pp. 161-182



entre os quais os *Encontros à Esquina*, em 1982, no tempo de Maria Helena Vaz da Silva<sup>3</sup>. Sarmiento Matos estivera atento à dinâmica do património industrial e do turismo cultural.

Mas foi a sua ousadia, o seu olhar perscrutador e desafiador, a sua paixão pelo conhecimento ‘inteiro’ que permitiram que o património industrial não ficasse esquecido no Programa do *Caminho*

*do Oriente*<sup>4</sup>, e que a industrialização da cidade e do país adquirisse a importância devida no contexto da programação desenvolvida a par dos patrimónios ditos “nobres”.

É do conhecimento geral que foram produzidos, pela primeira vez, para esta área da cidade, vários guias temáticos elaborados em torno de um território que se desenvolve entre o Terreiro do Paço e a Expo'98, o dito *Caminho do Oriente* (CO), nomeadamente o *Guia do Olhar*, o *Guia do Azulejo*, o *Guia Histórico* (2 volumes) e o guia dedicado à indústria e aos seus vestígios materiais. Avançara-se para uma Lisboa invisível e abandonada dentro da própria cidade, cujos primeiros estudos eram tão-só parcelares.

3. Os *Encontros à Esquina*, 1.<sup>a</sup> série, foram coordenados por Jorge Custódio, Jorge Gaspar, José Manuel Fernandes, Nuno Portas, Rodrigo Dias e Maria de Lurdes Modesto. Realizaram-se seis visitas, a quarta, ocorrida a 23 de Outubro de 1982, ocorreu na Zona Oriental de Lisboa, entre Santa Apolónia, Xabregas, Beato e Poço do Bispo.

4. Projecto conjunto Expo'98/ABELIS / Câmara Municipal de Lisboa. Coordenação: José Sarmiento de Matos – Expo'98; Leonel Fadigas – AMBELIS; António Araújo – CML.

Esta Lisboa a Oriente do Terreiro do Paço não se inscrevia na novidade do programa Pombalino para a reconstrução da cidade após o terramoto de 1775, nem nos designados ‘bairros históricos’ associados a uma Lisboa medieva ou moderna, nem na cidade marcada, exclusivamente, pela nobreza até aos idos de Oitocentos ou pela burguesia oitocentista ou primo-novecentista, por exemplo, reconhecida através dos seus eixos urbanos das Avenidas Novas e do programa habitacional uni ou multifamiliar, muito dele decorrente do desenvolvimento industrial da capital em territórios marginais. Marginais para as elites do poder decisório e do conhecimento estabelecido, e também dos programas acentuadamente cenográficos assentes nos ditames do Estado Novo. E foi essa a cidade que se procurou resgatar. Resgatar da sua aparente

*Caminho do Oriente*  
coordenação José Sarmento de Matos, 1998

insignificância face a um discurso historiográfico estabelecido. Trazer para a ribalta essa urbe, constituiu o grande

desígnio de um programa mais vasto, para além do editorial. Um olhar inter e multidisciplinar impôs-se.

Curiosamente, a ocultação a que essa parcela da capital fora votada caminhara a par do abandono económico e social da população aí residente, decorrente precisamente das alterações económicas verificadas no desenvolvimento industrial a partir, essencialmente, dos anos 70-80 do século XX<sup>5</sup>. Soçobrava um modelo de desenvolvimento decorrente das primeira e segunda vagas da industrialização, ligadas à energia a vapor, à instalação da linha ferroviária do Leste/Norte e aos motores de combustão interna, num primeiro momento, e aos programas industriais desenvolvidos no século XX, derivados do progresso tecnológico dependente de uma nova fonte de energia – a electricidade. A industrialização dominou este território, preferencialmente

5. Assiãtia-se ao processo de desindustrialização que obrigara o município a realizar um inquérito industrial de Lisboa oriental, para a sua reconversão urbana, em 1973.



ribeirinho, durante cerca de 200 anos, ocupando quintas, palácios ou conventos. A fábrica alcançou o seu auge e a sua importância na cidade ainda durante o século XX, com o plano de 1948, desenvolvido pelo urbanista Etienne De Gröer, fixando algumas zonas fabris Oitocentistas, como a de Alcântara, Xabregas, Beato ou Marvila e desenhando outras como as dos Olivais, no eixo das Avenidas Infante D. Henrique /Marechal Gomes da Costa, consentâneas com a moderna indústria e onde os arquitectos portugueses puderam ensaiar soluções arquitectónicas que elevaram, pela primeira vez, a arquitectura industrial ao patamar das edificações de outros programas, como os do espectáculo, os do ensino, os hospitalares ou os habitacionais, por exemplo.

A cidade beneficiara da implantação fabril até à década de 70 do século XX. O urbanista George Meyer-Heine, discípulo de Robert Auzelle, através do plano geral de urbanização de Lisboa, concluído

Vila Dias e perspectiva tirada da Vila Dias com o rio Tejo ao fundo, anos 80  
[Centro Nacional de Cultura]

em 1966<sup>6</sup>, procurou diminuir o desenvolvimento industrial na cidade, preconizando a implantação da indústria

na linha de Vila Franca de Xira (dando continuidade ao Antepiano da Região de Moscavide a Vila Franca de Xira, da autoria de Etienne De Gröer, aprovado em 1955 pelo Conselho Superior de Obras Públicas), na margem a sul do Tejo, ou nas linhas de Sintra ou de Cascais, ainda que nestas áreas de uma forma mais moderada. Ou seja, a Grande Lisboa deveria não só absorver o futuro desenvolvimento industrial associado à capital, como acentuar a industrialização que aí ocorria desde o último quartel do século XIX. “Em 1967 trabalhavam no núcleo Olivais-Chelas 13.303 operários e registavam-se 1.322 empresas, enquanto o núcleo relativo ao Beato-Marvila contava com 10.099 operários”<sup>7</sup>.

6. Cf. Deolinda Folgado, *A Nova Ordem industrial no Estado Novo. Da fábrica ao território de Lisboa. 1933-1968*, Lisboa: Livros Horizonte, 2012, pp. 149-150.

7. Idem, *ibidem*, p. 151.

A desindustrialização da capital, fortemente presente ao longo do *Caminho do Oriente* encontra-se, deste modo, intrinsecamente ligada à interrupção do desenvolvimento tecnológico e industrial, verificado de uma forma contínua desde o século XVIII, e da deslocalização das actividades industriais, preferencialmente, para as zonas industriais desenvolvidas em torno da capital. Com esta desindustrialização a cidade oculta ganhara uma nova opacidade, a de permanecer nas suas próprias margens resultantes do fenómeno da desindustrialização, não integrando a renovação que outras zonas de Lisboa experienciaram.

Edifício A Tabaqueira, Braço de Prata, 1981  
[fotografia Irene Buarque]

O facto é que o mundo fabril aportara consigo novas formas de sociabilidade e de habitar a cidade, desde os meados do século XIX, como testemunhara Abel Botelho, numa das suas obras-primas intitulada *Amanhã*. Para além das tipologias residenciais desenvolvidas, como os pátios, vilas ou bairros operários, muitos fomentados pelos próprios industriais (alguns dos quais ainda hoje sobrevivem), que por si só potenciaram novas formas de apropriação da espacialidade da cidade, outros centros de dinamização social foram sendo construídos em redor destes núcleos industriais, como as associações operárias, os clubes de futebol, os teatros ou os cinemas, para além da instalação de creches ou escolas e lactários que acolhiam os filhos dos operários, ou no caso das escolas os próprios trabalhadores.

Foram os ‘restos’ deste mundo industrial que o José Sarmiento de Matos permitiu que se integrassem na história da cidade, até porque a indústria se fizera paredes meias com uma tessitura rural assente numa organização espacial das quintas rurais e de recreio ou de conventos e suas cercas, e seria muito difícil segmentar estes mundos que acabaram por se fundir neste fenómeno da industrialização, desde a segunda metade do século XVIII (estamparias), os armazéns de



vinhos e azeites, seguidas das fábricas têxteis e as de tabaco e sabão, as de moagem, as de cortiça e conservas, depois as químicas de novecentos.

Não é de estranhar que a primeira reunião de trabalho sobre o projecto do *Guia do Património Industrial* tenha decorrido numa sala junto à por-

taria do Convento dos Grilos (a construção iniciou-se em 1666, sendo que a comunidade dos irmãos Descalços de Santo Agostinho instalou-se no local em 1663), onde se encontrava situada a reduzida equipa residente que trabalhava no projecto do CO<sup>8</sup>. Aí, Sarmiento de Matos explanou sobre os objectivos do programa do CO e da importância de se desenvolver um eixo do conhecimento dedicado exclusivamente à industrialização que ocorrera naquele território. Aí se vislumbrou, de imediato, como o seu entusiasmo contagiava qualquer um, como o seu conhecimento axial da cidade lhe permitia brincar e ironizar com o *status quo* cognitivo instalado, manifestando sempre uma erudição estonteante.

Todavia, o trabalho a desenvolver implicava necessariamente perscrutar o território, esse território oculto, incógnito, pobre e distante dos holofotes da cidade, abandonando-se esse primeiro contacto com o mundo conventual da Lisboa oriental. Percorrer, calcorrear, entrar onde ninguém se atrevia a entrar, andar em vielas e caminhos situados em interstícios do território, entalados entre vias férreas da cintura interna ou do Norte e do Leste, habitações-operárias, fábricas, ou esqueletos de fábricas, uma vez que poucas eram as indústrias que

---

8. Helena Caria, Sofia Costa Pessoa e Ricardo Quintas.



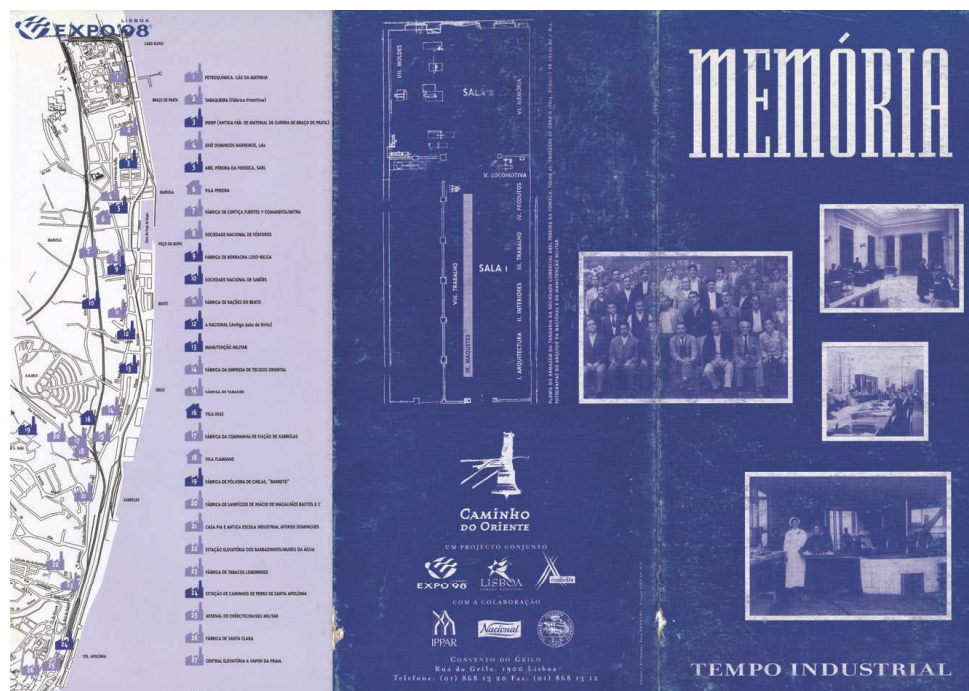
junto fabril entretanto demolido, após o encerramento das instalações fabris, tendo dado origem a um vazio urbano à espera de um projecto imobiliário; ou a extraordinária Fábrica de Material de Guerra, hoje ocupada com a construção do projecto habitacional da autoria do arquitecto Renzo Piano, designada de Jardins do Braço de Prata).

Partira-se, assim, do Convento do Grilo para a cidade, para o *Caminho do Oriente*<sup>9</sup>, cujas marcas da sua evolução se observavam nas infraestruturas portuárias, ferroviárias, de abastecimento de água ao domicílio ou do gás, nas incompreendidas estéticas industriais, arreadas em novos materiais ou em novas soluções construtivas e numa organização urbana pouco planeada, mas balizada pelos eixos de circulação, pelos já invisíveis cursos de água ou pelas gigantescas moles construtivas dos antigos conventos, que na voracidade do tempo também se adaptaram aos novos tempos industriais, como o Convento de Santa Apolónia, o Convento dos frades Barbadinhos Italianos, o Convento de S. Francisco de Xabregas, o Convento de Chelas, o Convento das Grilas e o Convento do Beato António, ou ainda pelas escassas

ainda se encontravam em funcionamento (destacamos as indústrias alimentares da Nacional, ainda em laboração, e da Manutenção Militar – encerrou a sua actividade fabril em 2012; ou ainda a Sociedade Nacional de Sabões – con-

Abel Pereira da Fonseca, pormenor do edifício com logotipo da firma, 1998  
[fotografia de António Sacchetti inserida em *Caminho do Oriente* (1998)]  
> Folheto da exposição *Memória do tempo industrial*, realizada na Abel Pereira da Fonseca 1998  
[arquivo particular]

9. Este olhar foi registado pelo fotógrafo António Sacchetti.



praças de matriz e génese industrial, como o comumente conhecido largo do Poço do Bispo (Largo David Leandro da Silva), demarcado pelos edifícios do Abel Pereira da Fonseca, do José Domingos Barreiros ou do Clube Oriental de Lisboa.

Ainda que o José Sarmento de Matos tivesse trazido para a cidade espaços praticamente desconhecidos através da programação que o CO promoveu, como o Convento de Santos-o-Novo, foi, sem dúvida na Praça David Leandro da Silva, neste marco industrial e operário da cidade de Lisboa que se fixou uma centralidade para as múltiplas actividades desenvolvidas, precisamente, no edifício da antiga firma Abel Pereira da Fonseca (1907-1993). Artistas plásticos, fotógrafos, cenógrafos, num trabalho transdisciplinar, todos permitiram devolver à cidade um dos mais icónicos edifícios ligados à actividade comercial e agro-industrial, reutilizando-o com recursos mínimos por um período de cerca de um ano. Só ele seria capaz de tal novidade nesta cidade a oriente, portas vizinhas com a modernidade inscrita na Expo'98, mas,



contudo, oculta na sua modesta história de labor fabril.

Numa das várias naves do edifício da Abel Pereira da Fonseca, desenvolveu-se uma exposição designada *Memória. Tempo Industrial*<sup>10</sup>, que comunicava com todo o

território exterior através das extraordinárias fotografias provenientes do espólio da casa Novais (Fundação Calouste Gulbenkian) ou de arquivos de empresas ou fábricas do CO, como a própria Abel Pereira Fonseca, a Nacional, a antiga Manutenção Militar ou a Fábrica de Material de Guerra. Essa minimal exposição que evidenciara rostos, formas industriais, ritmos de trabalhos incorporou ainda um conjunto de excepcionais e ímpares maquetas da antiga instalação fabril Material de Guerra (INDEP) e a maquinaria da indústria vinícola da própria instalação industrial Abel Pereira da Fonseca.

Esta foi a exposição onde os operários de Lisboa Oriental se reviram. Vieram em grupos visitar os seus antigos locais de trabalho, olhavam as fotografias, identificavam os ‘colegas’, as máquinas, os produtos. Vieram várias vezes. Trouxeram a família. Tentavam reencontrar um tempo perdido. A memória de um tempo industrial. Com esta exposição preconizou-se um dos momentos altos do trabalho que o Sarmento de Matos permitiu que se realizasse com o mundo industrial deste pedaço de cidade que também era dos trabalhadores fabris e no qual se reviam. Dos edifícios e das máquinas, das ruas e da urbe chegámos às pessoas.

10. Comissariada por Deolinda Folgado e José Fragateiro.

Mas, Sarmiento Matos ainda acarinhara um outro horizonte, neste domínio da cidade lisboeta, perspectivando que esta pudesse ser pontuada aqui e acolá com espaços museológicos que ajudassem a interpretar em contínuo a cidade oriental depois do encerramento da Expo'98, ou que viesse a beneficiar com a constituição de uma espécie de 'Museu do Património Industrial'<sup>11</sup> a instalar num edifício fabril protegido e refuncionalizado.

Exposição *Memória do tempo industrial*, realizada na Abel Pereira da Fonseca, 1998 [fotografia inserida em *Caminho do Oriente* (1998)]

Passadas duas décadas, já é difícil encontrar uma Lisboa operária, as gerações foram desaparecendo, assistindo-se a uma reconversão urbana que trará seguramente o fenómeno da gentrificação. Todavia, o recente interesse por esta Lisboa a oriente, entalada entre Santa Apolónia e o início do Parque das Nações, parece agora acompanhar os anseios lançados por este programa CO, ainda que muitas das fábricas icónicas para a compreensão de uma tessitura urbana e histórica contemporânea tenham desaparecido. Sinal dos novos tempos foi a edição de *Lisboa a Oriente. Roteiro Cultural*<sup>12</sup>, um livro que revisita diferentes lugares da cidade oriental, onde a indústria entretanto desaparecida regressa reinventada, como que a lembrar um caminho a oriente revivido e já sinalizado nos idos anos 90.

A percepção visionária desta cidade foi ensaiada por José Sarmiento de Matos para um eixo da capital que definhava, ao saber aliar a investigação, a criação, a reutilização e a programação cultural, fazendo-nos acreditar que era e é possível pensar e fazer diferente.

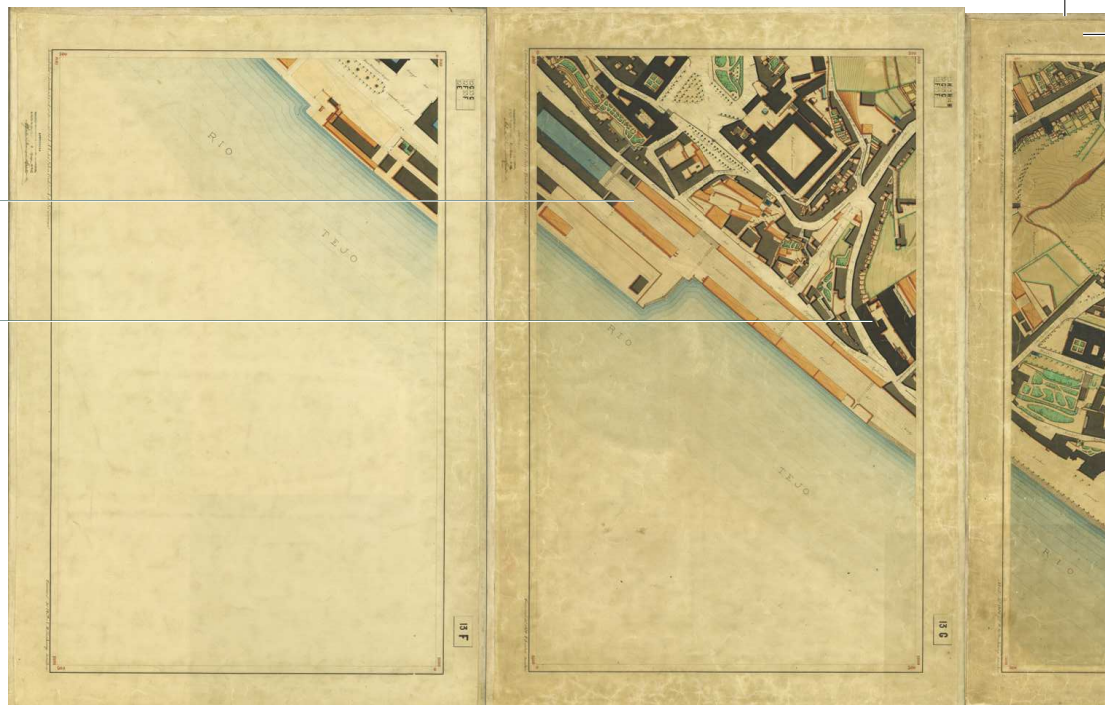
OBRIGADA, ZÉ!

11. Folgado & Custódio, 1999, p. 12.

12. Paula Teixeira, coord., *Lisboa a Oriente. Roteiro Cultural*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 2019.

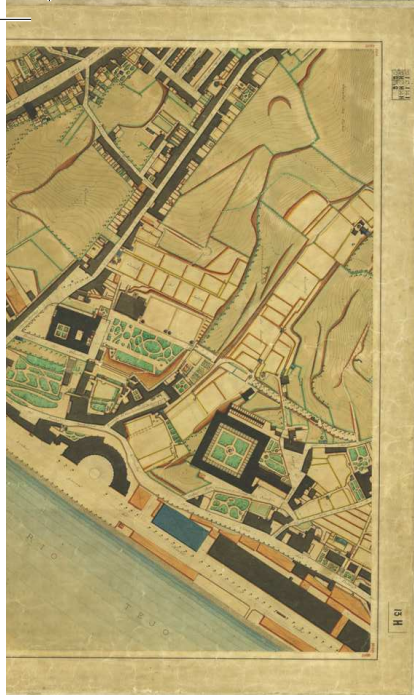
Estação de Caminho  
de Ferro de Sta. Apolónia

Fábrica da Companhia  
Lisbonense de Tabacos



Fábrica de Fiação  
e Tecidos de Xabregas

Companhia de Fiação  
e Tecidos Lisbonense;  
Fábrica de Tabacos de Xabregas



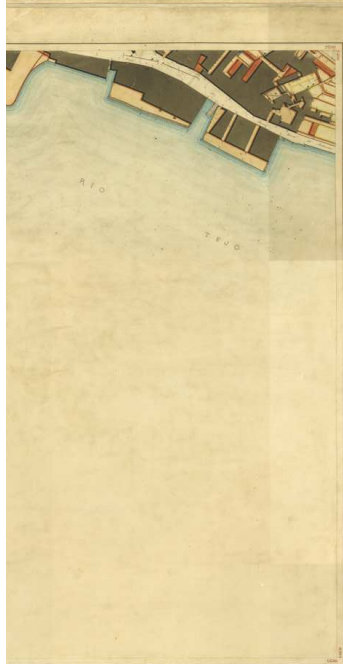
Asilo D. Maria Pia  
Escola Industrial Afonso Domingues

Vila Flamiano

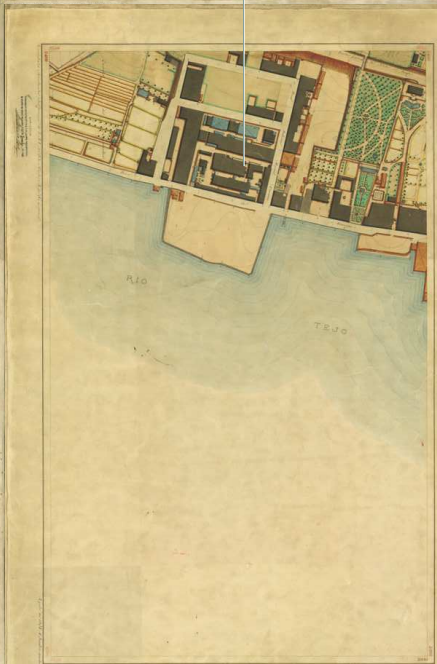
Vila Dias  
Fábrica de Fiação e Tecidos Oriental

Manutenção Militar

edifícios industriais de João de Brito  
atual A Nacional, Comp. Ind.  
de Transformação de Cereais



Companhia Portuguesa de Fósforos



Vila Pereira



Soc. Comercial Abel Pereira da Fonseca

José Domingos Barreiro & C.<sup>a</sup> Lda.

Fábrica de Material de Guerra de Braço de Prata



·*Levantamento da planta de Lisboa*  
Júlio Vieira da Silva Pinto, 1904-1911  
[Arquivo Municipal de Lisboa,  
PT/AMLSB/CMLSB/UROB-PU/05/03]

